

## O Atum com Molho-à-Café

Um atum com molho de café, ainda por cima mal passado, é quase um crime para o gosto excessivamente conservador das Ilhas.

A receita tem a assinatura da Antónia, minha doce e fiel amiga de há décadas, aquela que, com a coragem que admiro, retomou o seu antigo restaurante — O Papa-Figo — para conforto daqueles que procuram a boa cozinha de São Tomé e Príncipe.

Recomendo o atum com molho de café que, na condição de cobaia, experimentei esta tarde e ao qual fiquei fiel para a vida. Eu, que me metamorfoseio em múltiplos heterónimos, nem sei ainda qual deles assinará este artigo.

De ventre saciado, entreguei-me à conversa com o meu companheiro de mesa, outro amigo desde que me conheço.

É terra pequena, gente que se conhece, onde facilmente se traçam origens e razões do emprego — argumento que desarma e desautoriza formas diferentes de olhar para aquilo que, por descuido, se deixou para trás e sobre o qual se discursa em tom de cátedra, com diplomas e títulos universitários a fazer arquear os pobres mortais obrigados a carregar tal fardo.

Acenei a dois amigos que entretanto tinham acabado de entrar. Passaram junto à nossa mesa, de pratos vazios e talheres arrumados com precisão de nódoa, a indicar que já tínhamos terminado e estávamos satisfeitos.

Um deles atirou, a jeito de estocada, o “Cola Manga-Bassu”. Acabou por despertar o Manuel Alfinete, que lhe lembrou o “Mé n’Pián di Klêkê”, personagem que naquele momento se empossou deste meu carácter bipolar.

A alma escorpiã surpreende muitas vezes até ao próprio. Não percebi por que razão me levantei, deixando o meu companheiro de mesa plantado, sozinho. Talvez por ele se ter posto ao telefone e eu me ter sentido, por segundos, ignorado. Fui ter com os amigos que entretanto se haviam sentado no outro extremo da sala.

Uma qualquer trivialidade levou-nos à apresentação da autobiografia “Joaquim”, ontem inaugurada no Centro Cultural Português.

Fico curioso, eu que me reconheço contra-revolucionário, chamado reacionário, pequeno-burguês, minorizado por não fazer uso de qualquer alegoria distintiva e que agora a caminho de velho, sem a devida permissão, me permito publicar textos de opinião lidos em silêncio e cuspidos com o habitual “cupi-n’gulido” típico das Ilhas.

Pois, como dizia, a esquizofrenia revolucionária leva a isso: vergar perante quem se combateu, numa tentativa de obter validação. Um livro lançado no Centro Cultural Português tem maior audiência e impacto do que na Cacau, que nasceu nacional e fora da caixa.

Se uma primeira crítica faço ao “Joaquim” — que ainda não li — é ao título apresentado em lugar errado. Outra se seguiu relativamente à parte da apresentação a que assisti.

O Lúcio, amigo novo e perspicaz, sabe como incendiar-me e fá-lo com habilidade discreta. Pediu-me um comentário.

Isso obrigou-me a dar a volta à mesa e a sentar-me sem pedir licença.

Respondi:

— É pena que os revolucionários não consigam despir-se do fato enxovalhado da revolução, quando hoje todos nos queremos redimir das nossas culpas, aderindo tardiamente às palavras da salvação em igrejas, templos ou seitas evangélicas, e ou de outra qualquer natureza, incluindo obras ou textos com narrativas, as minhas classificadas de série B, os meus pobres escritos.

Voltemos à revolução, porque os revolucionários cansam-me.

Há os que são brilhantes pensadores. O meu interlocutor — o tal que fez alusão ao Cola Manga-Bassu e despertou o Mé n’Pián di Klêkê — é um deles, reconheço, alguém com quem aprendo a aferir a minha bússola.

Raramente estamos de acordo. Os argumentos de cátedra, sustentados por uma mão cheia de ferramentas que maneja com mestria, colocam-me frequentemente no lugar de onde me ousou descolar.

Ousar uma abordagem sociogeográfica das Ilhas que questione a revolução é como servir um atum mal passado com molho de café.

As críticas a que a pobre da Antónia será sujeita... “os nossos” não aderirão aos novos sabores, porque arreigados estamos ao peixe de textura rija das águas quentes do Equador.

O Cola Manga-Bassu, colocado no lugar de onde não deveria ousar sair, acordou o Manuel Alfinete. E este não se fica pelos ajustes.

Mesmo minorizado, hermafrodita de Cola Manga-Bassu, aguentou como pôde a sobrançeria. Ficou com pena de que os argumentos esgrimidos não tivessem de ser confrontados.

Se a arrogância do intelecto ilhéu não se sobrepuser, repetirei o atum mal passado com molho de café. E espero que o meu interlocutor não se coíba.

A confrontação de ideias oposicionistas impõe-se, tal qual a terra que os revolucionários teimam em chamar País só se curará quando conseguirmos ouvir, fazer-nos ouvir e reconhecer aquilo que escondemos por detrás da máscara onde todos nos enclausuramos nas Ilhas — ato coletivamente partilhado que dá lugar à pobreza e à desagregação a que assistimos do pedestal das nossas certezas.

Genito, Cola Manga-Bassu e Mé n Pián di Klêê (Manuel Alfinete) “maiado” pela Chuva que se despende para dar lugar à Gravana.

Restaurante “Papa-Figo”, São Tomé aos nove dias do mês de maio de 2026, eram 15H30 de um sábado de sol equatorial.